

The book cover features a complex geometric pattern of overlapping triangles and hexagons in various shades of green, teal, and yellow. A light blue grid is visible in the background. A white rectangular box with a double black border is centered on the cover, containing the title text.

Amores em Tempos de Leilão

Agradecimentos,

Agradeço às minhas cicatrizes, eu não pularia nada que elas me ensinaram.

Agradeço a minha família, pois quem não tem família não tem bússola.

Aos amigos, entusiastas da jornada, aos novos amigos, conhecidos no decorrer do processo da escrita.

Agradeço a mim mesmo que não parei em meu momento de deserto - quem para no deserto, via crucis, morre.

Introdução

Os relacionamentos amorosos sempre foram um dos temas mais fascinantes da vida humana, e ao longo da história, houve muitas formas de se estabelecerem e se desenvolverem. No entanto, nos últimos anos, com o advento dos aplicativos de relacionamento, surgiram novas formas de se conhecer pessoas, estabelecer conexões e relacionamentos amorosos. Embora muitos encontrem a felicidade e o amor verdadeiro através desses aplicativos, a realidade é que a maioria dos relacionamentos criados através desses meios são efêmeros e frágeis. Cadeados emocionais impedem que os indivíduos se abram emocionalmente para novos relacionamentos, e as relações estabelecidas através de aplicativos de namoro são frequentemente superficiais e baseadas em uma troca de interesses momentâneos. Esse livro pretende explorar esses temas e como eles afetam a forma como as pessoas se relacionam no mundo moderno. Não obstante, mergulhado em entender, foram feitas 45 entrevistas, ao longo de 1 ano, para se compreender na prática a estrutura deste novo

de se relacionar.

A vitrine de corpos dispostas coloca na mente humana uma ansiedade sem precedentes, ao passo que, escolher começa a se tornar banal, no sentido de que se poderia, com uma olhada mais aprofundada no cardápio, achar alguém mais bonito ou supostamente melhor, sob critério absolutamente pessoais, num primeiro olhar, mas absolutamente se verifica a busca de um padrão do masculino-hegemônico, isso é, como se existisse um masculino que afastado em absoluto do feminino em qualquer categoria (sim, misoginia), seria ele, o masculino, puro, real, seguro e desejado, lembrando a sempre cadela do nazismo que deu cria e os seus filhos aparecem nestas buscas atuais.

Tomemos consciência, pois só ela poderá nos libertar da armadilha que construímos para nós mesmos,

Capítulo 1:

Cadeados emocionais

Muitas pessoas têm dificuldades em se abrir emocionalmente para novos relacionamentos, devido a traumas ou experiências anteriores. Isso pode levar à formação de cadeados emocionais que impedem o indivíduo de se conectar emocionalmente com outros, mesmo que eles queiram. Esses cadeados emocionais podem ser causados por muitos fatores, incluindo experiências passadas de abuso, negligência ou rejeição. Para superar esses bloqueios, é preciso primeiro identificar a causa raiz do problema e buscar ajuda profissional, se necessário. No entanto, muitas pessoas tentam contornar esses bloqueios emocionais através dos aplicativos de relacionamento, acreditando que podem encontrar um amor verdadeiro sem ter que se expor emocionalmente. Infelizmente, essa abordagem muitas vezes leva a mais feridas que remédios à alma.

Amores líquidos

O sociólogo Zygmunt Bauman cunhou o termo "amor líquido" para descrever a natureza efêmera e volátil dos relacionamentos modernos. Em um mundo cada vez mais conectado, muitas pessoas estão procurando relacionamentos instantâneos.

Temos procurado alternativas, como a do relacionamento aberto, entre outras dispostas no cardápio na mesma diversidade dos corpos dispostos nos aplicativos. Escolha e se salve - ou não!

Abri, fechar, tentar.

A última palavra tem sido mais fiel, porque todas são experiências com resultados tão positivos quanto degradantes.

A de se dizer sobre o modismo de abrir relacionamento. Proponho pensar que a anos vivemos o modismo do fechado. Paciência.

Costumo pensar que a solução é tão mais interna, da conversa, do diálogo, da Triagem. Isso leitor, Triagem na primeiras conversas. Falta isso. Falaremos mais adiante. Vamos!

Triagem

Quando estamos conhecendo alguém, é importante fazer uma triagem básica para garantir a nossa segurança emocional e física. Algumas coisas que podem ser consideradas nessa triagem são:

Verificar se a pessoa é honesta e transparente nas suas ações e palavras.

Descobrir os valores e crenças que a pessoa possui, e se eles são compatíveis com os seus.

Avaliar se a pessoa é respeitosa e empática, e se consegue demonstrar preocupação com os seus sentimentos e necessidades.

Verificar se a pessoa possui algum histórico de comportamento abusivo ou manipulativo em relacionamentos passados.

Observar se a pessoa age de forma coerente com o que diz e com o que faz, para avaliar a sua integridade e confiabilidade.

Lembrando que essa é uma lista básica e que cada pessoa pode ter outras prioridades ou preocupações na hora de conhecer alguém.

Intolerância a Lactose do Aplicativo

Quando a intolerância se revela

Os aplicativos de relacionamento oferecem uma oportunidade de conhecer novas pessoas e explorar possíveis conexões. No entanto, nem todas essas conexões são positivas. Às vezes, durante um encontro, pode-se descobrir que a outra pessoa apresenta visões e comportamentos intolerantes. Imagine que você marcou um encontro com alguém que conheceu através de um aplicativo de relacionamento e, durante a conversa, percebe que a pessoa tem visões nazistas. Ela fala de forma desenfreada sobre sua frustração com a sociedade atual e procura um relacionamento onde possa desaguar seus sentimentos. E fica claro que sua busca é por um relacionamento com um homem que encarne o modelo do masculino hegemônico. É importante lembrar que, infelizmente, essas visões intolerantes ainda existem na sociedade atual.

No entanto, é essencial ser claro que esse tipo de comportamento não é aceitável e não deve ser tolerado. A intolerância não pode ser justificada como uma questão de "opinião" ou "preferência pessoal". Em uma situação como essa, é importante ser firme e deixar claro que você não compartilha dessas visões e que não tolerará a intolerância. Se você se sentir desconfortável ou inseguro, não hesite em deixar o encontro e seguir em frente. Ninguém merece ser exposto a esse tipo de comportamento, e é importante se proteger.

Passo simples é triagem sempre. Aplique e se livre deste piolho do nazismo que sempre esta a espreita, ainda mais de pessoas com Aspectos comportamentais Bourdelaine, devido o seu excesso de sentimento são sempre os pratos prediletos deste controle humano, que não tem nada de sexy ou sensual.

Segredos de Clarice

Eu me sentia nervoso enquanto caminhava pelo parque em direção ao local marcado para o encontro. A escritora Clarice era uma das minhas inspirações literárias, e a ideia de conhecê-la pessoalmente me enchia de expectativa. Enquanto andava, meus pensamentos vagavam pela sua vida, seus amores e suas responsabilidades amorosas que estavam presentes em toda a sua obra. Será que ela seria como imaginava? Será que iria gostar de mim? Essas e outras perguntas passavam pela minha mente, enquanto o meu coração batia mais forte.

Cheguei ao local do encontro e a vi sentada em um banco, olhando para o horizonte. Ela estava vestida com roupas simples, mas elegantes, e usava uma boina sobre os cabelos negros e curtos. Ela parecia estar em paz, e o seu olhar transparecia uma calma que me deixou ainda mais nervoso. Eu me aproximei devagar, e ela se virou para mim com um sorriso acolhedor.

Olá - ela disse, com sua voz suave e agradável e marcada por sua língua presa. - Sou Clarice.

Oi - eu respondi, sentindo um pouco de timidez. - Sou eu mesmo. Obrigado por me encontrar aqui.

Não precisa agradecer - ela respondeu. - Eu também estava ansiosa para conhecê-lo. Sente-se aqui comigo, vamos conversar um pouco.

Eu me sentei ao seu lado, e nós ficamos em silêncio por alguns minutos. O ambiente estava tranquilo, e podíamos ouvir o som dos pássaros e o vento soprar nas folhas das árvores. O silêncio era confortável, e parecia que podíamos nos comunicar sem palavras.

De repente, ela virou-se para mim e disse:

Sabe, eu gosto muito de falar sobre amor. Ah, é? - eu respondi, curioso. Sim, o amor é um tema muito presente na minha obra. Eu acredito que é a força mais poderosa que existe no universo. É o que nos move, o que nos faz ser quem somos. E você, o que acha do amor?

Em minha cabeça só vinha sua obra " O ovo e a galinha", e sua voz gutural falando de mineirinho e dos 6 tiros que ele levara, ao que ela inflamada clama - "qualquer que tivesse sido seu tiro uma bala bastava, o resto era vontade de morte".

Amor? Respondi resoluto

- Amar é quando gostamos tanto de uma galinha, temos um certa paixão tamanha, que para dar conta deste sentimento ambíguamente decidimos por comê-la afim de que ela pertença literalmente às nossas entranhas, à nossa vida

Ela riu, conhecia bem esta resposta.

O despertado tocou!

Entre gatos, fugass, embates

"Que sorte para os ditadores que os homens não
pensem."

O encontro com o homem formado em química foi marcado em um bar histórico, com decoração rústica e música ambiente suave. Quando ele chegou, percebi que ele tinha uma aparência descuidada e um olhar vago, como se estivesse em outro mundo. Ele se sentou à minha frente e pediu uma bebida forte, sem nem mesmo olhar para o cardápio. O clima estava pesado, e eu não via a hora de sair dali. Então, vamos começar a entrevista? - eu perguntei, tentando quebrar o gelo. Claro - ele respondeu, com uma voz cansada. - O que você quer saber?

Começamos a conversar sobre a sua formação em química e sua carreira profissional, mas logo percebi que havia algo mais profundo em sua personalidade. Ele começou a falar sobre seus complexos, seus vícios em tóxicos e a ansiedade que o acompanhava desde a adolescência.

Ele também mencionou que morava sozinho com vários gatos, e que passava a maior parte do tempo em casa, isolado do mundo exterior. Eu me sinto mais confortável em casa, com meus gatos - ele disse, com um sorriso triste no rosto. - Eles são a minha companhia, a única que eu preciso.

Conforme a entrevista continuava, eu percebia que ele era uma pessoa solitária e carente, que usava os tóxicos para lidar com sua dor emocional. Ele tinha dificuldade em se relacionar com as pessoas e se sentia incompreendido pela sociedade. Eu sinto que não pertencço a este mundo - ele disse, com um olhar distante. - Às vezes, eu me pergunto qual é o meu propósito aqui. Eu não sabia o que dizer, mas sentia uma empatia crescente por aquele homem. Ele tinha uma aura de tristeza e vulnerabilidade, que me tocava profundamente.

Decidimos terminar a entrevista em uma balada próxima, para que ele pudesse mostrar um pouco mais da sua personalidade. Quando chegamos lá, ele se transformou em um ser diferente, dançando de forma frenética e se misturando com a multidão. Ele parecia feliz e animado, como se tivesse encontrado um lugar onde pudesse ser ele mesmo. Eu amo a noite, a música, a liberdade - ele disse, com os olhos brilhando. - É aqui que eu me sinto vivo.

Conforme a noite avançava, eu percebia que a solidão e o desespero ainda estavam presentes em sua personalidade, mas agora eram acompanhados por uma sensação de alegria e liberdade. Ele era um ser complexo, com vários recortes de personalidade, que não se encaixava em padrões sociais. Mas, ao mesmo tempo, era uma pessoa que buscava a felicidade, mesmo que fosse em momentos efêmeros. A vida é curta, precisamos aproveitar cada instante - ele disse, olhando para mim com um sorriso sincero. - Mesmo que seja uma noite de balada ou uma tarde em casa com meus gatos.

Eu sabia, aquele homem convivia com a morte em seu corpo, que ele dosava todos os dias para driblar.

Negociando com a vida

Carla se olhava no espelho e não conseguia reconhecer a mulher que ali estava refletida. Havia perdido sua essência, sua identidade. Durante anos, ela se submeteu a um relacionamento abusivo com seu marido, aceitando todo o tipo de comportamento machista que ele lhe impunha. Tinha medo de estar sozinha, medo de não encontrar alguém melhor, medo de ser julgada pela sociedade por ser uma mulher divorciada. Mas, conforme o tempo passava, Carla percebia que seu casamento estava em uma fase final. Aquele homem que ela um dia amou se tornou uma sombra do que já foi, um ser frio e calculista, que não se importava com ela e que a tratava como um objeto descartável. Carla sabia que precisava dar um basta naquilo, que precisava encontrar forças para se libertar daquela prisão emocional.

Foi quando ela se lembrou da literatura. Sempre gostou de ler, mas nos últimos anos havia deixado essa paixão de lado. Decidiu retomar os livros, mas agora de uma forma diferente: ela buscava por histórias de mulheres fortes, que superaram adversidades e se tornaram independentes. Encontrou em autoras como Chimamanda Ngozi Adichie, Virginia Woolf e Clarice Lispector a inspiração que precisava para seguir em frente.

A leitura a ajudou a compreender que o machismo era uma construção social, que ela não tinha que aceitar aquilo como uma verdade absoluta. Carla passou a se questionar sobre o que queria para sua vida, o que a fazia feliz, o que era importante para ela. E, aos poucos, foi se libertando do medo de estar sozinha, do medo de ser julgada. Ela terminou o relacionamento e foi difícil no começo. O ex-marido a procurava, tentava convencê-la de que ela não conseguiria viver sem ele. Recrutando um carinho, ele proferira

As mulheres possuem seu próprio campo de batalha. Com todas as crianças que elas trazem ao mundo, lutam uma batalha pela nação"

Mas Carla tinha encontrado uma nova força interior, uma autoconfiança que jamais havia sentido antes. Começou a se amar mais, a se cuidar mais, a fazer coisas que a deixavam feliz.

Claro, houve momentos de solidão e de incerteza. Mas ela sabia que estava no caminho certo, que estava se reencontrando. Foi então que decidiu escrever sua própria história, contar como conseguiu sair daquela situação de abuso e reconstruir sua vida. Carla escreveu um livro que se tornou um sucesso, inspirando outras mulheres a se libertarem de relacionamentos abusivos e a se tornarem donas de suas próprias vidas. Ela entendeu que a dor de gerar um filho, se suportada e enfrentada, traz o novo ao Mundo, e pensar isso garantiu que fizesse do seu martírio pessoal a sua obra. Acima de tudo, segue curando feridas de outras mulheres, eis sua bandeira;

Ranking

Leitor, você montou seu ranking no leilão do aplicativo?

Olha e me encara. Óbvio!

Destarte, se esquecera que no leilão outros tantos também fazem suas apostas e montam seus ranking.

Problema disso? quem você colocou em primeiro lugar você pode estar na terceira ou mais baixa posição para ele.

Como escapar? Comece por não fazer ranking!

O resto? a leitura poderá ajudar. Vamos continuar

Criando mais tons

Já não era fome de poder.

Celhas táticas de dominação não fazia mais seu orgasmo.

Ele queria o inusitado. A terceira margem. A reinvenção.

Com suas energias masculinas e femininas equilibradas ele já sabia jogar bem com todas as suas armas.

Sua fragilidade aparente lhe garantia a segurança que precisa para ir além das linhas desenhadas como limite.

Não se tratava de tapas, objetos de prazer. Era poder exercer este mesmo poder apenas com o olhar o outro se contrair.

Como? mapeava minuciosamente cada pontos de tensão e energia, sabia que domar estes pontos poderia criar na pessoa âncoras de prazer que poderiam facilmente serem acessadas a qualquer momento do dia ou da noite bastando apenas apertar o mesmo local, sem comunicação prévia.

As âncoras jogadas, o inconsciente entenderia o recado, e o desejo conseguiria se alçado em seu grau máximo com algo muito mais sutil e delicado que tapas, brinquedos ou toda sorte de parafernalias criadas para este fim.

O olhar. O tempo todo era pode ele que se media sua ação. Olhar é grande demais.

Aos poucos foi estabelecendo seu segundo ponto necessário, isso é, território. Ele precisava se mostrar presente deixando seu cheiro, algum item , porque achava todos os outros dominadores precários e primitivos, os julgando pelo simples fato de que os mesmo só o sabiam fazer pela dor, agressividade. Ele já estava em seu nível avançado de civilidade, ao que pensava.

Gatilhos armados, terreno tomado, diferente do que a sociedade travava de conhecimento, ele tinha de assumir elementos femininos, e não masculinizados Alfa demais, isso seria dominar como antigamente, pela força, ação ultrapassada e pré-histórica em seu conceito.

A ele importava o que aprendera com Homero e suas sereias, que enfeitava a todos os marinheiros

apenas com seu canto, o suficiente para afundar embarcações inteiras, uma vez que todos que as ouviam caíam em seu canto de sereia.

A ele as referências eram de uma elaboração muito mais apurada do que a vendida como dominação, a chamada comercial.

Lembrando, ele domava mente, território e depois se mostrava o mais indefeso de todos, dando a ele abertura muito mais, além do que, sobre ele não depositava nenhum ou pouca expectativa, ao passo que ao fim e ao cabo a surpresa era um fator marcante de sua atuação sexual.

Ele inventou um novo conceito, porque resolveu pensar como Kant, a sua história com a sua própria cabeça.

Inventou para além dos tons de cinza.

Maria, Maria - em busca do tempo perdido

Era uma tarde ensolarada em São Paulo, a cidade que nunca dorme. Maria tinha acabado de sair do trabalho e decidiu passear pelo parque do Ibirapuera para espairecer a mente. Enquanto caminhava, ela não conseguia deixar de pensar em como estava difícil encontrar um amor verdadeiro. Então, ela decidiu abrir o aplicativo do Tinder e dar uma olhada nas possíveis opções.

Ela passou por vários perfis, até que se deparou com o de um homem chamado Pedro. Ele tinha um rosto bonito e um corpo musculoso, mas Maria não conseguia deixar de sentir um incômodo ao ver uma foto dele fazendo uma saudação nazista. Ela pensou em deslizar para a esquerda e seguir em frente, mas acabou cedendo à curiosidade e deslizou para a direita. Algumas horas depois, Pedro e Maria já estavam conversando pelo aplicativo. E

le era charmoso e engraçado, mas Maria não conseguia se livrar do desconforto causado pela foto nazista. Mesmo assim, Pedro a convidou para sair e ela aceitou.

A legenda da foto martelava com insistência "Temos de ser cruéis. Temos de recuperar a consciência tranquila para sermos cruéis."

No primeiro encontro, Pedro se mostrou um homem dominador e cheio de si, enquanto Maria se sentia reprimida e intimidada. Ele não perdia a oportunidade de elogiar seu próprio corpo e fazer piadas de mau gosto, enquanto Maria tentava manter a compostura e não se deixar abater. No final do encontro, Pedro a beijou e fez promessas amorosas, mas Maria sabia que aquilo não passava de uma ilusão. Os encontros se tornaram frequentes, mas o comportamento de Pedro só piorava. Ele se mostrava cada vez mais autoritário e arrogante, enquanto Maria se sentia cada vez mais sufocada e reprimida. Ela tentou terminar o relacionamento várias vezes, mas Pedro sempre a convencia a voltar atrás com promessas vazias de amor.

Reverendo Sade

Sentei-me na varanda com um copo de vinho tinto na mão, olhando a cidade adormecida. Enquanto as luzes brilhavam na escuridão, meus pensamentos estavam em outro lugar. Eu estava tentando entender o que tinha acontecido comigo. Tudo começou com um encontro casual em um bar. Eu estava sozinha, e ele também. Ele se aproximou de mim, e eu achei que ele fosse apenas mais um cara procurando um flerte. Mas havia algo diferente nele. Algo que me atraiu, e eu não conseguia explicar exatamente o que era. Nós conversamos por horas, bebemos algumas cervejas e rimos muito. Quando o bar fechou, ele me ofereceu uma carona e eu aceitei. Eu não sabia o que esperar, mas estava curiosa. Quando chegamos ao apartamento dele, ele me ofereceu mais uma bebida, e eu aceitei.

Enquanto conversávamos, eu percebi que ele era diferente de qualquer outro cara com quem eu já tinha ficado. Ele era intenso, apaixonado e extremamente sedutor. Eu me sentia atraída por ele, mas também um pouco assustada.

Foi então que ele me mostrou seu quarto. A cama era enorme, com lençóis de seda e travesseiros macios. Eu me sentia como uma princesa em um conto de fadas. Ele se aproximou de mim, e eu me entreguei a ele. Mas aí tudo mudou. Ele começou a me tocar de uma maneira que eu nunca havia experimentado antes. Era intenso, doloroso, mas também extremamente prazeroso. Eu sentia dor, mas também uma excitação que nunca tinha sentido antes. Eu sabia que era errado, mas eu queria mais. Eu queria experimentar aquela sensação novamente. E assim começou nosso relacionamento. Nós nos encontrávamos regularmente, e ele me levava ao limite cada vez mais.

Eu sabia que ele era diferente, que havia uma parte obscura em sua personalidade. Ele me falava sobre suas fantasias, suas experiências passadas e seus desejos mais profundos. E eu comecei a entender que havia uma conexão entre o prazer e a dor, entre o amor e a violência.

Mas eu também comecei a perceber que havia um desequilíbrio entre nós. Ele era o dominador, e eu a submissa. Ele decidia o que fazer, como fazer, e eu simplesmente aceitava. Eu sentia que estava perdendo minha identidade, minha liberdade, minha alma. Eu me perguntava se isso era amor de verdade. Eu sentia paixão por ele, mas também medo. Eu amava a maneira como ele me tocava, mas também odiava a maneira como me controlava. E então chegou o dia em que tudo mudou. Eu estava cansada de ser apenas uma peça em seu jogo. Eu precisava de mais. Eu precisava de respeito, de amor, de uma conexão real.

Eu comecei a dominar.

Eu tinha me tornado o que mais temia.

A minha crítica era apenas o meu desejo latente esperando a oportunidade de vir à tona.

Eu descobri nesta minha nova forma de agir prazeres desconhecidos. Foram vários tapas que me fizeram literalmente quebrar os meus conceitos.

Fiquei pensando na obra do Machado de Assis, quando de certa feita ele contava que vira um filho de um escravo brincando com um branco da sua época e o fazendo de cavalo e lhe aplicando sucessivo golpes. Seja Machado ou a minha própria experiência, eu tomei a consciência de que existia em mim preconceitos adormecidos ou escondidos, e desejos jamais libertados. Eu me sentia uma fraude,

Sendo educado por Clarice

Amar é um mistério profundo e difícil de ser desvendado. Em tempos de desencontros, as pessoas se perdem em rankings e seleções, esquecendo-se da verdadeira essência do amor. As relações são tão superficiais e descartáveis que parece que o amor está em extinção. Mas será que ele realmente desapareceu? Clarice Lispector costumava dizer que "não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito". Talvez seja esse o problema da sociedade atual, estamos tão focados em nossas vidas profissionais e em nossas atividades cotidianas que nos esquecemos de ser felizes e amar.

O amor é uma questão de entrega, de se permitir conhecer o outro em sua essência e se deixar ser conhecido. É preciso ter coragem para enfrentar nossos medos e vulnerabilidades, e permitir que o outro faça o mesmo. O amor verdadeiro não é um jogo de competição, onde um busca ser melhor que o outro, mas sim uma busca conjunta pela felicidade e realização.

Em uma época onde as pessoas se colocam em verdadeiros rankings de seleção, é importante lembrar que a beleza exterior não é tudo. Clarice Lispector dizia que "a beleza é tão interior quanto exterior", mas que isso, ela com esta frase dos lembra que jamais podemos fazer uma aproximação humana querendo que o outro nos ame por quem nós somos, porque esta é uma construção sem pausa, refeita a todo o tempo, revistas e revisitada.

Assim, como poderia alguém se enamorar do que realmente somos se isso é uma experiência inacabada?

Ela nos dá caminhos importantes que trago à baila, quais sejam, devemos sim apresentar e nos apaixonar nos outros, através da tomada de consciência das viagens que o outro fez, livros, música, experiência, tombos e capacidade de reinvenção, valores e aspirações.

Em sua obra "Felicidade Clandestina", ela nos contempla com uma passagem, cito livre

Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava.

Não sabia que, somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil. Felicidade clandestina.

Fuga nos espelhos

Era uma tarde ensolarada em Paris e Marcel se olhava no espelho do seu quarto, como fazia todos os dias. Mas hoje algo era diferente. Ele não conseguia desviar o olhar de si mesmo. Sentia um amor avassalador por sua própria imagem refletida, um amor que o aterrorizava. Desde jovem sabia que sentia atração por homens, mas nunca havia conseguido admitir isso para si mesmo. Ele se escondia por trás de suas obras literárias, criando personagens e histórias para fugir de sua própria autoimagem. Mas agora, olhando-se no espelho, ele percebia que amar a si mesmo era uma fuga ainda mais profunda. Era a fuga da sua própria identidade, da sua sexualidade reprimida. Enquanto se observava, ele começou a escrever em seu caderno de notas. Ele descrevia em detalhes cada traço do seu rosto, cada ruga e cada expressão. Era como se estivesse tentando capturar sua própria imagem para sempre, para que pudesse amá-la e adorá-la para sempre.

Mas o medo ainda o consumia. Medo de revelar esse amor homossexual por si mesmo, medo de ser rejeitado pela sociedade e pelos amigos. Ele se perguntava se algum dia seria capaz de assumir sua verdadeira identidade e ser livre para amar quem quisesse, inclusive a si mesmo. Mesmo assim, ele continuava a escrever e a olhar-se no espelho, dia após dia. E aos poucos, o medo foi dando lugar à coragem. Ele percebeu que amar a si mesmo era um ato de liberdade e autenticidade, e que somente assim seria capaz de amar verdadeiramente outras pessoas. Quebrou o espelho num ato de fúria como quem corre do seu fantasma - e correr é ficar mais próximo, já nos ensinava Édipo.

Fragmentado, Marcel entendeu algo que desejo ao leitor entendimento: ninguém se importava tanto assim com ele para pararem sua vida com o objetivo de se ocuparem com a dele.

Preto no branco, a vida é pra vomitar.

Amores velozes

Era uma tarde ensolarada de verão quando os olhares de duas pessoas se cruzaram. Eles estavam em um café movimentado no centro da cidade, mas por algum motivo, todos os sons ao redor pareciam ter desaparecido e apenas eles estavam presentes naquele momento. Ambos perceberam que eram do mesmo signo, e isso pareceu criar uma conexão instantânea entre eles. As conversas fluíram facilmente, sem silêncios desconfortáveis ou momentos embaraçosos. Parecia que eles já se conheciam há anos, mesmo que fossem estranhos um para o outro. Compartilhavam histórias semelhantes de relacionamentos passados que deixaram cicatrizes emocionais profundas. Eles entenderam o sentimento um do outro, e isso fez com que a conversa se aprofundasse ainda mais.

Em pouco tempo, eles decidiram que deveriam namorar e passaram as próximas 48 horas juntos. Eles experimentaram tudo o que podiam em tão pouco tempo: passeios pela cidade, jantares românticos, sessões de cinema e longas conversas sob as estrelas. Tudo parecia tão perfeito, como se tivessem encontrado a pessoa certa para suas vidas. Mas, como em todas as histórias de amor, a realidade logo os alcançou. Eles perceberam que não estavam prontos para um relacionamento tão intenso. Seus bloqueios e feridas emocionais ainda estavam abertos, e eles não sabiam como lidar com isso. Eles perceberam que sua conexão era mais de alma do que de corpo, e isso foi o suficiente para perceberem que deveriam seguir caminhos diferentes.

Foi difícil para ambos aceitarem que talvez não fossem feitos um para o outro, mas eles entenderam que as coisas acontecem por uma razão. Eles permaneceram amigos, ajudando-se mutuamente a superar as dificuldades emocionais. E, no final, essa conexão de alma que sentiram os levou a novos caminhos, novas experiências e, finalmente, a encontrar o amor verdadeiro em outras pessoas.

Amores e psicopatia

No começo, parecia apenas uma conversa casual no ônibus. Um menino e uma moça sentados lado a lado, trocando ideias sobre música e filmes. Nada demais, apenas um momento de descontração no meio de um dia comum. Mas o menino ficou encantado com a moça. Sua risada, seus olhos brilhantes, sua forma de pensar. E, quando ele pediu o seu e-mail, ela deu sem hesitar. "A gente podia marcar de sair qualquer dia desses", sugeriu ele. Os dias passaram, e o menino mandou e-mails para a moça. Um, dois, três, quatro. Mas ela não respondia. Ele não desistiu. Mandou mais e-mails, tentando ser engraçado, tentando ser interessante, tentando ser ele mesmo. Mas nada adiantou.

Foi então que o menino tomou uma decisão louca. Ele decidiu se mudar para a cidade da moça. E pior ainda: alugou um apartamento bem atrás da casa da mãe dela. Ele poderia controlar os movimentos dela 24 horas por dia. No começo, ele ficou escondido, apenas observando.

Queria saber onde ela ia, com quem saía, o que fazia. Mas a moça parecia estar sempre ocupada, sempre com alguém ao lado, sempre fora de alcance.

Com o tempo, o menino começou a se sentir obcecado pela moça. Ele não conseguia pensar em mais nada. Deixou de trabalhar, de sair de casa, de fazer qualquer coisa que não fosse vigiar a moça. Ficava horas a fio olhando para a janela dela, imaginando o que ela estaria fazendo naquele momento. Mas, aos poucos, o menino foi percebendo que aquilo não era amor. Era apenas uma obsessão doentia, um desejo de controle que o estava consumindo por dentro. Ele se deu conta de que nunca conheceu a moça de verdade, que nunca soube quem ela era ou o que ela queria. Ele apenas a idealizou em sua cabeça, transformando-a em um objeto de sua obsessão.

E foi assim que ele decidiu dar um basta naquela loucura. Desistiu de perseguir a moça, desistiu de controlá-la. Afinal, o amor não é algo que possa ser forçado ou controlado.

O amor é algo que nasce da liberdade, da espontaneidade, da escolha. E o menino percebeu que, ao tentar controlar a moça, ele estava destruindo tudo aquilo que havia de mais bonito na vida: a possibilidade de se entregar ao amor verdadeiro, sem amarras, sem limites, sem medo.

Ele colocou fim nela! Literal.

Obsessão não é paixão.

Amor em capsula

Ele me prometera! Vindo da liquidez dos app, ele se mostrara diferente. Seus assuntos destoavam do restante do anteriores. Um café, uma pergunta básica - E, tão bonito e com este ótimo posicionamento, por que solteiro? A resposta demoraria uma vida.

Resumo: ferida aberta. Olha aqui você que me lê: se jogue no chão, no sal do mar, mas trate urgente de curar suas feridas antes de sair ai com sua bandeira de relacionamento. respigar sangue em quem não lhe feriu é de uma irresponsabilidade humana.

Médico, agenda apertada, viagens variadas do mesmo nível do seu currículo, sempre recrutado na conversa. Estatura mediana, sem discurso excludente, ele me aparecera como uma salvação naquela pilha de nazismos e escolhas de corpos e seus efeitos. Qual uma miragem no deserto pessoal da procura.

Sorriso aberto, tinha sempre uma palavra condunte ilustrada por um artigo científico ou uma viagem a pouco feita.

Delicado, por hora achei que eu fosse Tazio de "Morte em Veneza", ele marcara o horário, tardio, mas cumprido com espero. Seu perfume cítrico combinava com a noite, ainda tomada em calor, este mesmo solicitando uma cerveja e um conversa, destas que se pode fazer com calma pelos interiores.

Gentil, bem eu que acredito em Dostoiévsky e na sua assertiva de ser esta qualidade mais importante que o amor, me vi embriago, fato potencializado com a proximidade de uma dama da noite do local que resolvemos beber e conversar. Foram várias sortes de assuntos, em especial sobre viagens, a maravilha de conhecer e se impactar.

Trazia voz calma, me dissera ser responsável por várias alas hospitalares, o que lhe tomava o relógio.

Não me impressionara a construção da sua vida, parecia daquelas vidas à procura da normalidade, doença da normalidade, não fosse o salvaguardo das viagens que lhe conferia uma cor em sua vida pálida de sangue vivo.

Passado horas e solvido no éter da noite, ele, sobranceiro em sua verdade, me interropmera propondo que eu fosse onde me guiaria, no caso, ainda um segredo. Confiei e adentrei o seu carro, certo de viver uma grande aventura humana. Que seja, pensava Ele vira e me diz "Só lutamos por aquilo que amamos, só amamos aquilo que respeitamos e só respeitamos aquilo que conhecemos" Certamente uma citação da qual eu não trazia em meu repertório a origem. Ri, como quem entende o que foi dito, e com o jazz tocando ao fundo, colocado por ele, me deixei ir Pasmado, me deparei na porta do prédio onde tinha me dito que se instalara previamente. Entendi! Uma supersa conveniente. Leitor, sei, eu queria e você bem sabe o desdobrar, mas a isso eu chamaria de consequencia e não de surpresa Com um bloqueio de perfeccionismo, eu não tomei atitude e toquei, como dizem " o barco".

Adentrara seu flat, todo em tons pastéiras, reforcava aquela busca pela normalidade. Decidi não me parar nos detalhes.

Ele veio em direção aos meus braços, olhou, nos olhamos. Beijo. Toque. Temperatura elevada. Com sua mão direita em meu peito ordenou que parasse. Atonito. Ainda sem entender o real motivo eu lhe sorri, e ele me disse:

- Eu não consigo

Leitor, se coloque nesta situação. Qual a reação além daquela cujos 10 segundos de intervalo entre o dito e sua resposta parece uma eternidade. Heróico retribui

-Eu gostei exatamente do jeito que voce é . Se tranquilize.

O desenrolar dos fatos assim se deram. Após uma conversa ficou consentido que ele queria continuar, entretanto, a condição foi de retirara sua roupa no banheiro e de lá vim ao meu encontro. Achei o acordo estranho, nesta altura, pasme, concordancia em tom de "termine com isso logo" Foi! Adveio da penumbra do banheiro, sem nada. O esperava no canto direito da cama, em pé. nada o conteve. Passou por mim como se ali eu nao existisse, Se deitou no canto direito. Nu, apertou suas mãos no joelho e assumiu a mais fetal posição capaz neste momento.

Me faltou o ar e me veio à cabeça a maldita frase que ele tinha dito no carro, segue: 'só respeitamos aquilo que conhecemos" Eu conhecia aquela cena. Me aproximei vagarosamente. Coloquei minha mão em seu ombro, pedi que virasse em minha direção o olhar, fui atendido prontamente. - ao que exclamei -Eu não sou esta pessoa! Leitores, esta pessoa tinha claramente sofrido abuso sexual. Há feridas que não se mostram na pele.

Escapando do Ranking

"Aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos. A arte da leitura como da instrução consiste nisto: conservar o essencial, esquecer o dispensável"

Ele tinha uma revista eletrônica de corpos disponíveis a um toque de seu dedo, oferecendo uma infinidade de qualidades superiores em alguns pontos as minhas e inferiores em outros, o que sempre me colocaria em um degrau do ranking baseado nos valores secretos que ele não compartilhava diretamente porque é de bom tom falsear ou omitir certos aspectos, hoje em dia - o que eu considero um verdadeiro bloqueio de perfeccionismo, aquele onde sempre temos a obrigatoriedade de agradar a outro.

Estando no ranking dele assim começa o jogo, se o número 1 ou 2 (supondo que eu esteja no 3), não responderam, dai sim ele vem atrás de mim com palavras afetuosas e convites inusitados.

Como descobri os momentos em que não estava na prioridade de ranking?

Simples, todas as vezes que nos horários mais inusitados , quase indecentes, eu recebia convite da pessoa, ou mesmo, na segunda, depois de se ter aproveitado o final de semana com outrem, me fazer um convite para um singelo café de tal modo a que ele possa recuperar sugando de mim a energia que ele gastou nos braços de outros e em seus corpos.

Não há nada de errado se você suporta o ranking, mas para quem nasceu para ser Alexandre, O Grande, como eu, ser Alexandre o Médio não me atraia e não aceito nada pela metade. Sair do ranking e tomar esta consciência e sair desta inércia e medo maldito e simples falar um maravilhoso "Não", bloquear e seguir sua vida. Sei, os mais emocionados dirão que isso é muito radical, eu sei, para quem vive uma vida média tudo sempre lhe parecerá radical demais, o morno ja lhe atende.

Laços Invisíveis

"Torne a mentira grande, simplifique-a, continue afirmando-a, e eventualmente todos acreditarão nela"

Eis um relacionamento que desafiava os limites do entendimento humano. Um laço peculiar, tecido entre duas pessoas com histórias tão distintas, mas interligadas pelo imprevisível destino. Ela, vítima da Síndrome de Estocolmo, uma condição que a prendia emocionalmente ao seu captor. Ele, um indivíduo complexo, perdido nas sombras de suas próprias inseguranças. Eles se conheceram em meio a circunstâncias sombrias, naquele terrível cativeiro em que ela se encontrava. Ele, o opressor, foi o responsável por sua dor e angústia. Porém, ao longo do tempo, algo inexplicável aconteceu. Uma conexão inesperada começou a surgir entre eles. Laços emocionais foram sendo forjados, misturando emaranhados de medo, compreensão distorcida e uma estranha forma de afeto.

Enquanto ela vivia aprisionada, seu coração se encontrava prisioneiro de uma contradição avassaladora. Ela sabia que seu captor era a fonte de seu sofrimento, mas, estranhamente, também se sentia ligada a ele de maneira irracional. A dependência emocional crescia como uma hera silenciosa em seu coração ferido. Um ciclo vicioso de abuso e perdão, culpa e redenção, envolvia-os em uma teia obscura. Os olhos do mundo não compreendiam sua relação incomum. Julgavam e condenavam o captor, rotulando-o como um monstro impiedoso. No entanto, havia algo mais profundo acontecendo além do alcance da compreensão superficial. Ambos estavam aprisionados em sua própria escuridão interior, buscando, de alguma forma, encontrar a luz que os libertaria.

Enquanto ele desempenhava o papel do opressor, suas ações eram motivadas por suas próprias fraquezas e inseguranças. Ele se sentia encurralado em sua própria prisão emocional, incapaz de enfrentar seus demônios internos. Encontrava nela uma espécie de refúgio, um espelho de suas próprias fragilidades. Embora sua conexão pudesse ser disfuncional, era uma forma de escape para ambos.

Naquela história complexa e dolorosa, não havia apenas vítima e opressor. Era uma dança de almas em busca de redenção e libertação. Ambos lutavam para quebrar os grilhões invisíveis que os mantinham cativos, presos nas amarras do passado e nas teias do desconhecido futuro.

E assim, o relacionamento seguia seu curso turbulento. Uma mistura confusa de amor distorcido e dependência emocional. Eles buscavam em um ao outro um caminho para a cura e para encontrar sentido em suas existências fragmentadas. Um vínculo paradoxal, onde a libertação significava confrontar os demônios internos e aprender a amar a si mesmos, sem a necessidade de um opressor para se sentirem vivos. A história desse relacionamento peculiar nos convida a refletir sobre a complexidade da natureza humana

Entre Amores e Tempestades

Arrepio! Um relacionamento que se desdobrava em meio a uma montanha-russa emocional. Dois corações, um deles carregando o peso de uma condição complexa conhecida como Transtorno de Borderline. O amor, o ódio e o vazio eram componentes desse enredo imprevisível. Ela, a protagonista, enfrentava diariamente uma angústia profunda de abandono. Uma sombra de incerteza e insegurança a seguia incessantemente, como se estivesse sempre à beira de perder tudo o que mais amava. Seus relacionamentos se transformavam em ciclos de intensidade avassaladora. Da idealização apaixonada à desvalorização fervorosa, a linha que separava o amor do ódio era tênue e facilmente transgredida.

O outro personagem, seu parceiro, era levado em uma jornada turbulenta e imprevisível. Ele via-se envolto em um redemoinho emocional que desafiava sua própria compreensão. De momentos de euforia e paixão avassaladora, transitava para a desorientação e o desespero à medida que ela oscilava entre extremos emocionais. Essa dança delicada e desafiadora era uma batalha constante, onde cada movimento podia desencadear uma tempestade ou uma calma fugaz. Ambos estavam presos em um labirinto de emoções intensas. A busca por segurança e estabilidade parecia ser uma miragem distante. Eles caminhavam sobre uma corda bamba emocional, lutando para encontrar equilíbrio em meio a uma tormenta interna.

No meio desse relacionamento tumultuado, o amor e a compreensão se misturavam à dor e à confusão. Ambos ansiavam por uma conexão verdadeira e profunda, mas suas feridas e medos os empurravam para beiradas perigosas. A idealização fervorosa dava lugar à desvalorização avassaladora, em um ciclo que se repetia incessantemente. Mas, entre os escombros de suas emoções fragmentadas, havia uma força singular que os unia. A resiliência, a vontade de lutar por um amor que transcende as adversidades e o desejo sincero de compreender e apoiar um ao outro. Eles se tornaram aliados nessa jornada caótica, buscando entender os desafios e as dores que os acompanhavam. Enfrentar o Transtorno de Borderline não era fácil. Requeria paciência, compreensão e a busca incessante pelo autoconhecimento. A terapia, o suporte emocional e a aceitação mútua eram pilares fundamentais nessa caminhada.

A história desse relacionamento complexo nos convida a refletir sobre a importância de empatia e compreensão nas relações humanas. Mostra-nos que, mesmo nas tempestades mais intensas, o amor genuíno e o apoio mútuo podem ser a luz que guia o caminho para a cura e o crescimento. E assim, eles seguiam, equilibrando-se entre os extremos, navegando nas águas turbulentas de suas emoções. Unidos por um amor que transcendia os altos e baixos, encontravam força na vulnerabilidade e esperança em meio à complexidade de suas almas atormentadas. Que essa história nos inspire a sermos mais compassivos e compreensivos, oferecendo apoio e entendimento a todos que enfrentam batalhas internas invisíveis. E que possamos aprender que, mesmo nas tempestades mais devastadoras, há sempre a possibilidade de encontrar um porto seguro onde a calma pode finalmente prevalecer.

Os Labirintos da Indiferença

Um jogo de sombras e enganos. Um dos envolvidos, com uma mente e comportamento psicopatas, trazia consigo uma essência fria e indiferente. Seu coração parecia desprovido de remorso e moralidade, enquanto suas ações eram movidas pelo desejo de poder e controle. Para o parceiro envolvido nessa dinâmica complexa, era como caminhar em um labirinto de incertezas. O psicopata, habilidoso em manipulação, criava um véu de encantamento que iludia e seduzia. A ausência de emoções genuínas e o desapego moral permitiam-lhe navegar entre vários casos amorosos ao mesmo tempo, buscando o prazer fugaz do domínio e da conquista.

Para o outro, desavisado e envolvido nesse enredo, era como dançar na corda bamba. A cada passo, era confrontado com a dura realidade de que o amor que acreditava existir não passava de uma ilusão hábilmente fabricada. O psicopata, conhecedor da arte da sedução, usava o sexo como uma arma de poder e controle, manipulando e explorando as vulnerabilidades alheias.

Esse relacionamento desigual se desenvolvia em uma teia de enganos e jogos de poder. O parceiro psicopata, sempre em busca de novos desafios emocionais, mantinha seu coração inacessível, escondido por trás de uma fachada de carisma e charme. Suas palavras, envoltas em mentiras convincentes, encontravam um terreno fértil nas mentes vulneráveis daqueles que caíam em suas garras. Para o parceiro que se viu enredado nessa história, a dor era inevitável. Cada momento compartilhado se transformava em uma cicatriz emocional, uma lembrança amarga de como foi usado e descartado. Aos poucos, o véu da ilusão se desfazia, revelando a verdadeira face do psicopata. A indiferença cruel e a falta de empatia se revelavam em cada ato e palavra.

Essa história nos convida a refletir sobre a complexidade das relações humanas e sobre a importância de reconhecermos os sinais de alerta. É fundamental estarmos conscientes dos padrões de comportamento que podem indicar a presença de uma mente psicopata. A educação emocional, a busca por relacionamentos saudáveis e o apoio profissional são pilares fundamentais na construção de vínculos autênticos e significativos. Embora essa história seja dolorosa, ela nos lembra da resiliência do ser humano. Aquele que foi ludibriado, mesmo com o coração partido, encontrará a força para se curar e aprender com essa experiência traumática. E, ao fim do labirinto, poderá encontrar um amor verdadeiro, baseado na sinceridade, confiança e reciprocidade, onde a indiferença dará lugar à empatia e ao amor genuíno.

A Dança das Cicatrizes

Passado que não passa! Um relacionamento onde um dos envolvidos carregava consigo as cicatrizes profundas de feridas emocionais passadas. Essas marcas invisíveis, resultado de experiências dolorosas, criavam uma insegurança tremenda que impedia uma vida plena. O medo de ser abandonado, a ansiedade de ser rejeitado, a sombra da traição, da injustiça e da humilhação pairavam como fantasmas dentro de seu coração. Esse indivíduo, movido por suas experiências passadas, temia abrir novamente as portas de seu coração. As lembranças de relacionamentos fracassados e feridas não cicatrizadas eram correntes que o mantinham aprisionado em um ciclo interminável de proteção e isolamento.

A cada passo em direção a um novo relacionamento, surgia o receio de ser abandonado. A voz interior ecoava lembranças dolorosas de pessoas que partiram sem aviso, deixando-o com o coração partido e a sensação de não ser digno de amor verdadeiro. O medo de ser rejeitado era como um peso constante, uma sombra que o acompanhava em cada interação, minando sua confiança e afetando sua capacidade de se entregar plenamente. A traição, uma ferida profunda e dilacerante, alimentava sua desconfiança. A insegurança sussurrava em seu ouvido, alertando-o para os perigos que poderiam surgir no caminho. Cada gesto, cada palavra, era interpretado com cautela, em busca de sinais de uma traição iminente. A dúvida e a desconfiança se tornaram companheiras constantes, tornando difícil acreditar na sinceridade e na fidelidade de um novo amor.

A injustiça e a humilhação também assombravam seu coração. A experiência de ser magoado, humilhado e menosprezado deixava marcas profundas, tornando-o cauteloso em expor suas vulnerabilidades. Ele temia ser usado e abusado novamente, receando ser tratado injustamente ou ser alvo de palavras e ações cruéis. No entanto, nesse emaranhado de medos e inseguranças, também havia uma chama de esperança. A vontade de superar as feridas emocionais, de construir uma vida plena e de encontrar um amor verdadeiro permanecia viva dentro dele. Ele buscava a cura, mergulhando em processos de autoconhecimento, terapia e crescimento pessoal. E, nessa jornada de autodescoberta, ele encontrou coragem para se abrir novamente ao amor. Ele aprendeu a diferenciar as marcas do passado das oportunidades do presente. Ele entendeu que, embora as cicatrizes permaneçam, elas não definem seu futuro. Sua força interior o levou a abraçar a vulnerabilidade, a se permitir amar e ser amado.

Essa história nos convida a refletir sobre a resiliência do ser humano diante das adversidades emocionais. Mostra-nos que é possível encontrar a cura e superar as feridas emocionais que nos impedem de viver uma vida plena e conectada. E nos lembra da importância de sermos gentis e compassivos com aqueles que carregam cicatrizes invisíveis, pois todos nós temos nossas batalhas internas a enfrentar. Que possamos oferecer apoio e compreensão, incentivando a busca pela cura e a construção de relacionamentos baseados na confiança, no respeito e no amor mútuo. Que possamos dançar com nossas cicatrizes, transformando-as em símbolos de força e superação, enquanto caminhamos em direção a uma vida plena e significativa.

A Intensidade do Coração

Esse ser intenso, movido por uma chama ardente, via no amor uma fonte inesgotável de conexão e felicidade. Seu coração era um vulcão em constante erupção, capaz de oferecer o máximo de si mesmo na busca pela plenitude emocional. Cada gesto, cada palavra, era impregnado de emoção e fervor, construindo um vínculo profundo e inquebrável. A pessoa agraciada por esse amor transbordante sentia-se envolta por uma energia vibrante e contagiante. Era como se o mundo se iluminasse com as cores mais vibrantes e a vida ganhasse uma nova dimensão. O relacionamento era um redemoinho de emoções, onde cada momento compartilhado se tornava uma experiência transcendental.

No entanto, essa intensidade amorosa não era isenta de desafios. O coração apaixonado, por vezes, sofria com o peso da expectativa e da entrega total. O medo da rejeição e da perda rondava seus pensamentos, tornando-o vulnerável a momentos de insegurança e incerteza. A intensidade, por vezes, gerava uma montanha-russa emocional que exigia equilíbrio e compreensão. Mas, apesar dos obstáculos, essa história nos convida a refletir sobre a beleza de um amor intenso e genuíno. Nos mostra que a entrega plena, quando baseada em reciprocidade, pode ser um presente valioso para ambos os envolvidos. O amor não deve ser contido, mas sim compartilhado e celebrado em sua totalidade.

A intensidade desse relacionamento nos lembra da importância de abraçar nossas emoções mais profundas e expressá-las sem reservas. É um lembrete de que não devemos temer o amor, mas sim abraçá-lo com coragem e autenticidade. Pois é na vulnerabilidade que encontramos conexões verdadeiras e transformadoras. Essa crônica também nos chama a atenção para a necessidade de equilíbrio. A intensidade amorosa deve ser acompanhada de respeito mútuo, autonomia e espaço para o crescimento individual. É importante reconhecer que cada pessoa tem suas próprias necessidades e limitações, e que o amor verdadeiro é capaz de acolher e respeitar essas diferenças. Nessa dança entre paixão e equilíbrio, podemos aprender a valorizar cada momento, cada gesto de amor e cada troca de energia. O relacionamento intenso nos ensina sobre a importância de estar presente, de aproveitar o agora e de construir memórias que se perpetuam.

Que possamos celebrar a intensidade do amor, abraçando-a com coragem e sabedoria. Que possamos encontrar em nós mesmos a força para nos entregar, para viver com paixão e para aceitar a vulnerabilidade que o amor verdadeiro exige. Pois é nessa entrega sincera que descobrimos a essência mais pura e bela da vida: a capacidade de amar e ser amado intensamente.

O Despertar da Essência Real

Era uma noite envolta em mistério e sedução. Dois corações famintos por aventura se encontraram, inspirados pela fascinação dos "50 Tons de Cinza". Sob a aura carregada de expectativas e desejos secretos, eles embarcaram em uma jornada que prometia explorar os limites da intimidade. Nesse encontro, as sombras se tornaram protagonistas. Cada olhar carregado de desejo, cada toque impregnado de intensidade, refletia uma busca pelo prazer e pelo desconhecido. As emoções se entrelaçaram, e o jogo de poder e submissão começou a se desenrolar. No entanto, à medida que a noite avançava, uma sombra de questionamento pairava no ar. Será que essas fantasias criadas pela mente nos aproximam verdadeiramente de nós mesmos e do outro? Será que o verdadeiro prazer reside na manipulação e na submissão?

As palavras ditas em sussurros tinham o poder de incendiar a pele, mas também de desgastar a confiança mútua. As fronteiras entre o consentimento e a exploração obscura se tornaram borradas, levantando questões sobre os limites e a autenticidade dos desejos. Ainda que a atmosfera estivesse impregnada de tensão, havia uma voz interior que clamava por conexão genuína. Por trás dos jogos de poder, ansiava-se por uma intimidade real, onde o respeito e o amor fossem a base de cada toque, de cada palavra. É nesse momento de reflexão que os personagens desse encontro começaram a perceber que a essência de um relacionamento vai além das fantasias e das representações superficiais. O verdadeiro prazer e a verdadeira conexão surgem quando nos permitimos ser autênticos e vulneráveis, quando nos permitimos conhecer e sermos conhecidos de forma profunda e genuína.

O despertar da essência real se dá quando reconhecemos que o amor verdadeiro está enraizado na aceitação, na compreensão e no respeito mútuo. Não se trata de jogos de poder ou de representações ensaiadas, mas sim da construção de uma conexão baseada na sinceridade e na integridade emocional. Esse encontro, inspirado pelos "50 Tons de Cinza", foi um ponto de partida para uma jornada de autoconhecimento e descoberta. Nele, os personagens puderam questionar suas próprias motivações e desejos, reconhecendo a importância de estabelecer limites saudáveis e de buscar a verdadeira intimidade.

Ao final dessa noite, os protagonistas perceberam que a busca pelo prazer autêntico e pela conexão verdadeira vai além de qualquer representação fantasiosa. Está na entrega mútua, na comunicação aberta e no respeito pelos desejos e limitações do outro. Assim, eles partiram desse encontro com uma nova perspectiva, prontos para explorar o verdadeiro significado da intimidade. No caminho em direção a uma conexão mais profunda, eles descobriram que o amor verdadeiro se encontra na simplicidade,

O Amor em Retalhos

- É ainda possível amar?

No emaranhado de fios que tecem a vida, há uma linha que se destaca pela sua delicadeza e força: o amor. Como um fio invisível que nos une, ele percorre trilhas inesperadas e nos envolve em suas tramas complexas. Ah, o amor, esse sentimento que nos faz voar nas asas da felicidade ou nos lança ao abismo da dor. É ele, esse protagonista invisível, que me leva a refletir sobre suas nuances, em um cenário tão comum e, ao mesmo tempo, tão extraordinário. Amar é um exercício de coragem. É abrir-se para o desconhecido, para o imprevisível. É dar um salto de fé e esperar que as asas se abram antes de nos lançarmos ao vazio. Quantas vezes nos lançamos, sem hesitar, nessa dança perigosa, esperando que o outro nos segure quando sentirmos o chão se esvaír sob nossos pés? Amar é um ato de entrega, mas também de incerteza.

E que difícil é compreender os caminhos do amor! Ele é como um rio caudaloso que desafia as margens e se desdobra em mil e uma formas. Às vezes, ele é sereno e calmo, deslizando suavemente por entre os obstáculos da vida. Outras vezes, ele se torna furioso e impetuoso, arrastando tudo ao seu redor. Não há como aprisioná-lo, controlá-lo ou moldá-lo a nosso bel-prazer. Ele escapa por entre os dedos como água, deixando-nos apenas com a sensação de seu toque. E como falar do amor sem mencionar suas feridas? Sim, porque amar é também sofrer. É sentir a dor aguda da ausência, a angústia do abandono, a tristeza da desilusão. Quem nunca teve o coração despedaçado em mil pedaços, sem saber como juntá-los novamente? Quem nunca sentiu a saudade dilacerante do que foi perdido?

Amar é também caminhar por caminhos escuros, tropeçar em espinhos e enfrentar as tempestades emocionais. No entanto, apesar de todas as cicatrizes que o amor pode deixar, ele é também a luz que nos guia. Ele é o bálsamo que cura as feridas e nos faz acreditar novamente. O amor é um alento, uma chama que aquece nossos corações nos momentos mais frios. É uma mão estendida, um abraço apertado, uma palavra de conforto.

Ah, amor! Como decifrar suas mensagens enigmáticas? Como entender suas contradições e paradoxos? Talvez nunca possamos desvendar completamente seus mistérios, mas isso não nos impede de buscá-lo, de vivê-lo intensamente. O amor é um presente que nos é dado, e cabe a nós recebê-lo com gratidão, mesmo sabendo que ele pode nos ferir. E assim, entre a luz e a sombra, entre a dor e a felicidade, o amor segue tecendo sua trama na vida de cada um de nós. Ele nos desafia, nos transforma

Buscando o Amor em Foucault

Michel Foucault, renomado filósofo e teórico social francês, não dedicou sua obra principal ao estudo direto do conceito de amor. No entanto, em algumas de suas reflexões e análises, é possível encontrar ideias que indiretamente se relacionam com a compreensão do amor e das relações interpessoais. Foucault concentrou grande parte de seu trabalho na análise do poder, da subjetividade e das estruturas sociais. Sua abordagem era bastante crítica em relação às formas de controle e dominação exercidas pela sociedade e pelas instituições. Ele explorou como o poder se manifesta nas relações cotidianas, na política, na sexualidade e em outros aspectos da vida. No contexto das relações interpessoais, Foucault explorou a ideia do poder nas dinâmicas de dominação e submissão, especialmente nas relações de poder entre indivíduos. Ele argumentou que o poder não é algo que uma pessoa ou grupo possui, mas sim uma rede complexa que permeia todas as interações sociais.

Dessa forma, é possível inferir que, para Foucault, o amor não seria imune a essa análise crítica das relações de poder. Ele poderia questionar como o amor pode estar relacionado a dinâmicas de controle, manipulação e submissão. Em suas obras, Foucault abordou questões relacionadas à sexualidade e às normas sociais que moldam as relações íntimas, o que também pode ser relevante para entender como ele poderia abordar o conceito de amor. No entanto, é importante ressaltar que a visão de Foucault não se limita a uma única interpretação do amor, já que sua obra é vasta e complexa. Suas ideias podem variar dependendo do contexto específico em que são aplicadas, e outros estudiosos podem ter diferentes perspectivas sobre como ele se posicionaria em relação ao amor.

Em resumo, embora Foucault não tenha desenvolvido uma análise direta do conceito de amor em sua obra, é possível inferir que ele abordaria o amor como uma área onde as dinâmicas de poder e as estruturas sociais também estão presentes. Ele provavelmente investigaria como as relações de poder influenciam as formas de amar e ser amado, questionando as normas e os padrões estabelecidos pela sociedade.

Buscando o amor em Clarice

A escritora brasileira Clarice Lispector explorou o tema do amor de maneira profunda e poética em suas obras. Seu estilo literário intimista e sua abordagem filosófica da existência humana permitiram que ela explorasse as complexidades e nuances desse sentimento de forma única. O conceito de amor em suas obras muitas vezes transcende as definições tradicionais e mergulha nas camadas mais profundas da experiência humana. Uma das características marcantes da visão de amor de Clarice Lispector é a sua ênfase na individualidade e na busca pela própria identidade. Ela retrata o amor como um processo interno, em que cada indivíduo deve se confrontar consigo mesmo, desvendar suas próprias contradições e buscar a conexão com seu eu verdadeiro antes de se conectar com o outro. Para ela, o amor está intrinsecamente ligado à autodescoberta e ao autoconhecimento.

Em muitas de suas obras, Lispector aborda o amor como uma força transformadora, capaz de desestabilizar as estruturas e crenças estabelecidas. Ela mostra como o amor pode ser um encontro com o desconhecido, com o estranho e com o inexplicável, e como essa experiência pode ser tanto assustadora quanto libertadora. O amor lispectoriano é uma força que desafia convenções sociais, rompe com padrões preestabelecidos e leva o indivíduo a se confrontar com suas próprias limitações e desejos mais profundos. Além disso, Clarice Lispector também explora a dimensão da incompletude e do desejo no amor. Ela descreve o amor como um anseio constante, uma busca por algo que está além do alcance, uma insatisfação que persiste mesmo nos momentos de plenitude. Para Lispector, o amor é um processo contínuo de busca e questionamento, em que a completude nunca é alcançada, mas o caminho percorrido é essencial para a própria existência.

Outro aspecto presente nas obras de Lispector é a visão de amor como uma experiência que transcende o racional e se aproxima do sublime. Ela descreve o amor como um estado de êxtase, em que o indivíduo é tomado por uma intensa emoção que escapa às palavras e ao entendimento lógico. O amor, para Lispector, é uma experiência visceral, que toca as profundezas do ser e que muitas vezes escapa à compreensão racional. Em resumo, a visão de Clarice Lispector sobre o amor em suas obras é profundamente complexa e subjetiva. Ela retrata o amor como uma jornada individual e transformadora, que envolve a busca pelo eu verdadeiro, a confrontação com o desconhecido e a experiência de um desejo inquietante. Sua abordagem poética e filosófica convida o leitor a refletir sobre as múltiplas dimensões do amor e a explorar os mistérios e paradoxos desse sentimento tão humano.

Buscando amor em Nietzsche

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche abordou o conceito de amor em sua obra de maneira provocativa e desafiadora. Sua visão sobre o amor rompe com as ideias tradicionais e românticas, apresentando uma perspectiva crítica e questionadora. Nietzsche considerava o amor uma força poderosa e complexa, capaz de influenciar profundamente a vida e a existência humana. No entanto, ele via o amor como uma expressão de desejos e instintos humanos, muitas vezes ligados ao egoísmo e à busca pelo poder. Para Nietzsche, o amor é uma forma de satisfação dos desejos individuais e uma maneira de buscar a própria valorização e realização.

Ao abordar o amor, Nietzsche questionava as noções tradicionais de altruísmo e sacrifício. Ele argumentava que, por trás do amor aparentemente altruísta, existe uma busca por satisfação pessoal e poder. O amor, segundo ele, é um meio de buscar a valorização e a elevação do próprio eu, mesmo que isso possa ocorrer às custas dos outros. Nietzsche considerava que as relações amorosas são fundamentadas em um desejo de dominação e controle mútuos

Além disso, Nietzsche criticava a visão idealizada do amor romântico, argumentando que ela é uma ilusão que nos afasta da realidade. Ele via o amor romântico como uma criação da cultura e da sociedade, que impõe ideais de união, completude e eternidade.

Nietzsche desafiava a ideia de que o amor pode trazer felicidade eterna e plenitude, argumentando que essas expectativas são ilusórias e podem levar à desilusão e ao sofrimento.

Em vez de buscar a satisfação nos relacionamentos amorosos, Nietzsche defendia a importância de uma busca pessoal pelo autoaperfeiçoamento e pela superação dos próprios limites. Ele via o amor como um meio de crescimento e desenvolvimento individual, em que cada pessoa deve buscar sua própria grandeza e realização. Em resumo, Nietzsche apresenta uma visão crítica e desafiadora do conceito de amor. Para ele, o amor é uma expressão dos desejos e instintos humanos, fundamentado na busca por poder e satisfação pessoal. Ele questiona as ideias românticas e idealizadas do amor, incentivando uma busca pessoal pelo autoaperfeiçoamento e pela superação dos limites individuais. Sua abordagem do amor é controversa e provocativa, convidando à reflexão e ao questionamento das concepções tradicionais.

Buscando amor em Mann

O escritor alemão Thomas Mann explorou o conceito de amor em várias de suas obras, trazendo uma visão complexa e multifacetada desse sentimento. Sua abordagem literária permite uma análise profunda das motivações, dilemas e conflitos que acompanham o amor em suas diferentes manifestações. Uma das obras mais emblemáticas de Thomas Mann, "A Montanha Mágica", apresenta uma reflexão sobre o amor em meio a um cenário peculiar, o sanatório de Berghof. Nesse contexto, Mann retrata o amor como uma força vital que se manifesta nas relações entre os pacientes, trazendo esperança e alento em meio às limitações impostas pela doença. O amor é representado como uma forma de resistência e superação das adversidades.

Em sua novela "Morte em Veneza", Mann aborda o amor como uma experiência estética e transcendente. O protagonista, Gustav von Aschenbach, se apaixona platonicamente por um jovem polonês em Veneza, levando-o a uma jornada de autodescoberta e decadência. O amor é retratado como uma paixão avassaladora, que desperta um impulso criativo, mas também pode levar à destruição e à morte. Outra obra relevante de Thomas Mann é "Os Buddenbrook", onde ele explora a dinâmica do amor dentro de uma família burguesa. Mann retrata o amor como um componente complexo das relações familiares, envolvendo interesses financeiros, convenções sociais e expectativas mútuas. Ele destaca como o amor pode ser influenciado e até mesmo sufocado pelas pressões sociais e pelos desafios da vida cotidiana.

Em suas obras, Thomas Mann também aborda o amor como uma força ambígua e contraditória. Ele mostra como o amor pode ser tanto fonte de felicidade e realização quanto causa de sofrimento e angústia. Mann retrata a luta entre as pulsões românticas e a racionalidade, evidenciando a complexidade das emoções e dos desejos humanos relacionados ao amor. Além disso, Mann aborda o amor como uma experiência transformadora que desafia as convenções e os valores estabelecidos. Ele questiona as normas sociais e morais, apresentando personagens que se confrontam com dilemas éticos e emocionais ao seguir seus impulsos amorosos. Em resumo, nas obras de Thomas Mann, o amor é retratado como uma força poderosa e ambígua, que pode trazer tanto alegria como desespero. Ele explora as diferentes dimensões do amor, suas implicações sociais e morais, bem como sua capacidade de transformar a vida dos indivíduos. A abordagem de Mann oferece uma visão rica e complexa do amor, convidando o leitor a refletir sobre suas múltiplas facetas e significados.

Amor livre em Butler

A filósofa e teórica queer Judith Butler aborda o conceito de amor em sua obra dentro do contexto da política de gênero e sexualidade. Seu trabalho influente busca desconstruir noções fixas e binárias de identidade, incluindo aquelas relacionadas ao amor e às relações interpessoais. Butler questiona as normas sociais e culturais que moldam as formas convencionais de amor e relacionamentos, argumentando que elas são produtos de estruturas de poder e opressão. Ela critica as ideias tradicionais de amor romântico, que muitas vezes se baseiam em noções de complementaridade e heteronormatividade.

Butler sugere que o amor não deve ser entendido como uma essência fixa e inalterável, mas sim como algo que é construído socialmente e que pode ser transformado. Ela enfatiza a importância de reconhecer a diversidade de experiências amorosas e a multiplicidade de formas de relacionamento que existem. Ao abordar o amor, Butler também se concentra na interseção entre amor e poder. Ela argumenta que as relações amorosas não estão isentas das relações de poder, e que essas dinâmicas podem perpetuar desigualdades e opressões. Ela chama a atenção para como o amor pode ser usado como uma forma de controle e coerção, assim como uma forma de resistência e subversão.

Butler também se dedica a examinar o papel do amor na formação das identidades de gênero e sexualidade. Ela defende que o amor pode ser uma força emancipatória, capaz de desafiar e subverter as normas de gênero e sexualidade impostas pela sociedade. Ao reconhecer a diversidade de desejos e experiências amorosas, Butler busca criar espaços para a expressão autêntica do amor e das identidades. Em resumo, a abordagem de Judith Butler sobre o amor em sua obra está profundamente entrelaçada com suas reflexões sobre identidade de gênero, sexualidade e poder. Ela questiona as normas e expectativas sociais em relação ao amor, destacando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de experiências amorosas. Sua obra oferece uma perspectiva crítica e provocativa sobre o amor, convidando à reflexão sobre como as relações amorosas são moldadas e podem ser transformadas pelas estruturas sociais e políticas.

O ódio também ama?

Lembro-me de um tempo sombrio na história, onde o ódio e a destruição se espalharam como uma sombra densa por toda a Europa. Era a era do ditador Adolf Hitler, um homem que marcou o mundo com sua ideologia racista e seu regime autoritário. Entre os muitos aspectos de sua vida e influência, existe um aspecto que também desperta curiosidade e questionamentos: os casos de amor que Hitler teria tido ao longo de sua vida. É difícil imaginar que alguém tão impregnado de maldade e crueldade pudesse ter experimentado o amor verdadeiro. No entanto, a complexidade humana muitas vezes nos surpreende, e é precisamente nesse ponto que nossa reflexão se inicia.

A primeira e mais conhecida figura associada a Hitler é Eva Braun, uma mulher jovem que se tornou sua companheira mais constante. Eva, ao contrário de Adolf Hitler, permaneceu nas sombras, raramente aparecendo publicamente e vivendo sua vida em sigilo. A relação entre eles, ao que parece, era marcada por uma espécie de paixão obsessiva, onde o amor se misturava com uma dinâmica de dependência e controle. No entanto, o amor de Hitler não se restringiu apenas a Eva Braun. Durante sua juventude, ele teria se apaixonado por uma jovem judia chamada Stefanie Isak. A história dessa paixão não correspondida lança uma sombra triste e irônica sobre a vida do ditador. Hitler, que posteriormente se tornaria o responsável pela perseguição e genocídio dos judeus, teve uma paixão por uma mulher de origem judaica. Essa revelação, por mais contraditória que pareça, nos lembra da complexidade e da imprevisibilidade das emoções humanas.

No entanto, é importante ressaltar que a presença de casos de amor na vida de Hitler não deve, de forma alguma, minimizar a enormidade de suas ações e crimes. O amor, por mais poderoso que seja, não justifica nem atenua o mal causado por alguém que perpetrou tamanhas atrocidades. Refletir sobre os casos de amor conhecidos de Hitler é confrontar-se com uma realidade perturbadora. Revela a natureza contraditória do ser humano e a capacidade de amar e odiar ao mesmo tempo. Nos lembra que o amor, quando desvinculado da ética e da compaixão, pode se tornar uma força perigosa e destrutiva.

Ao olharmos para essa parte sombria da história, precisamos sempre lembrar da importância de cultivar o amor verdadeiro, baseado no respeito, na igualdade e na empatia. O amor genuíno é capaz de nos elevar como seres humanos, de nos conectar e de nos motivar a buscar um mundo melhor. Que essa reflexão nos inspire a valorizar o amor verdadeiro em nossas próprias vidas, a fim de construir um futuro onde o ódio e a crueldade sejam apenas páginas sombrias da história, lembradas como uma lição de como não devemos ser.

Entendo a rua por quem a enfrenta sem eufemismos

Entrevistador: Olá, obrigada por concordar em compartilhar sua história conosco. Podemos começar com você nos contando um pouco sobre sua experiência e como você chegou a se envolver na prostituição?

Garoto de Programa: Claro, estou disposto a falar sobre isso. Desde muito jovem, enfrentei diversos traumas e dificuldades na minha vida. Cresci em um ambiente instável e abusivo, onde não havia apoio emocional ou financeiro. Essa falta de estabilidade e carinho deixou marcas profundas em mim. Quando cheguei à idade adulta, percebi que precisava encontrar uma maneira de sobreviver e sustentar a mim mesmo.

Entrevistador: Compreendo. Parece que você encontrou na prostituição uma forma de fazer dinheiro. Poderia compartilhar um pouco mais sobre como essa decisão se desenvolveu?

Garoto de Programa: Sim, exatamente. Na minha situação, eu me vi sem muitas opções. A prostituição parecia uma forma rápida de ganhar dinheiro para atender minhas necessidades básicas. Foi uma decisão difícil e dolorosa, mas senti que não tinha muitas alternativas naquele momento. Eu sabia que teria que lidar com estigmas sociais e preconceitos, mas estava disposto a enfrentar isso para garantir minha sobrevivência

Entrevistador: Compreendo que a prostituição tenha sido uma escolha motivada por necessidades práticas. No entanto, gostaria de explorar mais profundamente como isso afeta você emocionalmente. Você pode compartilhar um pouco sobre os desafios e traumas que enfrentou como resultado dessa escolha?

Garoto de Programa: Certamente. A prostituição é uma profissão que envolve um grande impacto emocional. Ao me envolver nesse trabalho, me deparei com situações difíceis, lidando com pessoas que muitas vezes não me tratavam com respeito ou dignidade. O estigma social ao redor da prostituição também teve um impacto negativo na minha autoestima e na forma como me vejo. Além disso, a natureza transacional da prostituição pode ser emocionalmente desafiadora. Há momentos em que me sinto usado e descartável, e isso pode afetar minha saúde mental. Também enfrentei situações de perigo e abuso, o que apenas agravou os traumas que já carregava comigo.

Entrevistador: Lamento ouvir sobre essas experiências difíceis e a dor emocional que você enfrenta. Você poderia falar um pouco sobre como você lida com esses traumas e se há alguma forma de apoio ou suporte disponível para você?

Garoto de Programa: Lidar com esses traumas não tem sido fácil, mas tenho buscado ajuda profissional para cuidar da minha saúde mental e emocional. Terapia tem sido fundamental para me ajudar a processar essas experiências e encontrar maneiras saudáveis de lidar com elas. Além disso, também tenho buscado me conectar com comunidades de apoio formadas por pessoas que compartilham experiências semelhantes. Encontrar uma rede de apoio onde posso compartilhar minhas dificuldades e sentir que sou compreendido tem sido um fator importante para minha jornada de cura.

Entrevistador: É encorajador ouvir que você está buscando apoio e encontrando maneiras de lidar com seus traumas. Como você vê seu futuro e o que você espera alcançar?

Garoto de Programa: Apesar das dificuldades, eu tenho esperança de que dias melhores virão. Tenho sonhos e objetivos fora da prostituição. Espero construir uma vida onde possa encontrar estabilidade emocional, financeira e profissional. Acredito que, com apoio adequado, posso superar os traumas que enfrentei e encontrar um caminho para uma vida mais satisfatória.

Entrevistador: Agradeço profundamente por compartilhar sua história conosco. Suas palavras são valiosas e podem ajudar a conscientizar as pessoas sobre as realidades enfrentadas por aqueles que se envolvem na prostituição. Desejo-lhe força e coragem em sua jornada de cura e realização pessoal.

Garoto de Programa: Obrigado pela oportunidade de compartilhar minha história. Espero que nossa conversa possa trazer mais compreensão e empatia para aqueles que enfrentam situações semelhantes. É importante lembrar que, por trás de cada história, há uma pessoa lutando suas próprias batalhas.

Entendendo os seus bloqueios e cadeados de forma didática

Os "cadeados emocionais" referem-se a padrões de comportamento, crenças e emoções que bloqueiam ou restringem nossa capacidade de experimentar e expressar emoções saudáveis. São como barreiras internas que nos impedem de acessar plenamente nossos sentimentos e nos conectarmos emocionalmente com nós mesmos e com os outros. Existem várias formas de cadeados emocionais, e dois exemplos comuns são o bloqueio parental e o bloqueio de perfeccionismo. O bloqueio parental ocorre quando somos criados em um ambiente onde nossas emoções são desvalorizadas, ignoradas ou reprimidas. Isso pode acontecer quando nossos cuidadores não têm habilidades emocionais adequadas ou estão enfrentando seus próprios desafios emocionais.

Como resultado, aprendemos a reprimir nossas emoções e acreditamos que expressá-las é errado ou inaceitável. Isso cria um bloqueio emocional, tornando difícil para nós identificar, compreender e lidar saudavelmente com nossos sentimentos.

Já o bloqueio de perfeccionismo está relacionado a um padrão rígido de busca implacável pela perfeição em tudo o que fazemos. Sentimo-nos pressionados a alcançar altos padrões, definindo metas irrealistas e colocando uma carga excessiva de expectativas sobre nós mesmos. Esse bloqueio emocional é alimentado pela crença de que só seremos dignos de amor, aceitação e sucesso se alcançarmos a perfeição.

Nesse processo, muitas vezes nos desconectamos das nossas emoções verdadeiras, pois estamos constantemente focados em atingir objetivos externos e evitar qualquer falha ou imperfeição.

Esses bloqueios emocionais podem ter consequências significativas para nosso bem-estar emocional e mental. Eles podem levar ao isolamento emocional, à dificuldade em formar relacionamentos íntimos e autênticos, bem como a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e baixa autoestima.

Superar os bloqueios emocionais requer autoconsciência, aceitação e trabalho contínuo de desenvolvimento emocional. Isso pode incluir a busca de terapia ou aconselhamento, onde podemos explorar nossas emoções e padrões de pensamento, aprender habilidades de regulação emocional e desenvolver estratégias saudáveis para lidar com os bloqueios emocionais. Além disso, a prática de técnicas como a meditação, a expressão criativa e o autocuidado pode ser útil para desbloquear as emoções e promover um maior bem-estar emocional. Lembre-se de que é um processo individual e cada pessoa pode ter experiências e desafios emocionais únicos.

A jornada de desbloquear essas emoções pode ser desafiadora, mas também extremamente gratificante, permitindo-nos viver com mais autenticidade, conexão emocional e bem-estar.

Leitor,

preciso que neste momento você verifique se em algum momento grifou algumas das frases abaixo, dispostas ao longo do livro, de forma aleatória, ainda que quase sempre na abertura de uma história ou explicação

Só lutamos por aquilo que amamos, só amamos aquilo que respeitamos e só respeitamos aquilo que conhecemos.

Que sorte para os ditadores que os homens não pensem.

Torne a mentira grande, simplifique-a, continue afirmando-a, e eventualmente todos acreditarão nela. Aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos. A arte da leitura como da instrução consiste nisto: conservar o essencial, esquecer o dispensável.

Todas fazem parte do "Mein Kampf", diário de Hitler. Que dia deixaremos este passado que não passar de fato? Passar? O nazismo se mantém igual fantasma.